



DESAFIOS DA ESCRITA HISTÓRICA: OS PERSONAGENS NA IMPLANTAÇÃO DO CONSERVATÓRIO ESTADUAL DE CANTO ORFEÔNICO DO PARANÁ.

Zeloí Martins Ap^a dos Santos¹

RESUMO: A pesquisa a respeito do Conservatório Estadual de Canto Orfeônico do Paraná contribuirá para o desenvolvimento do projeto Institucional do inventário do acervo histórico da FAP. Entretanto, ele visa não apenas a identificação dos documentos de interesse, mas a busca de sentidos latentes, uma ordenação histórica destes e um entendimento maior do papel que aquela instituição teve no contexto do ensino de música no estado do Paraná no século XX.

Palavras-chave: Patrimônio; memória; Canto Orfeônico; História do Paraná;

O PROJETO NACIONAL DE VILLA-LOBOS PARA O CANTO ORFEÔNICO NO BRASIL

A origem do canto orfeônico remonta o século XIX na França napoleônica onde grupos vocais sem acompanhamento de instrumentos cantavam em igrejas. Sem preocupação com estética musical ou técnicas apuradas. Batizado com este nome em homenagem ao ser mitológico Orfeu que a todos encantava com sua lira.

O canto orfeônico foi trazido ao Brasil por Carlos Gomes Jr. que instituiu a modalidade a partir de 1910, nas escolas de São Paulo. Carlos Gomes criou um método próprio denominado de “método analítico” para ensinar seus alunos.

Somente a partir da revolução de 1930, pelas mãos de Villa-Lobos, com o apoio do governo de Getúlio Vargas, o Canto orfeônico ganhou método de ensino e passou a fazer parte dos programas de formação de professores de música. (Lemos Júnior, 2005). A “adesão de Villa-Lobos ao poder” instituído foi imediata. (Guérios, 2009). O governo revolucionário de 1930 extinguiu todos os poderes constituídos pelo governo republicano, o Congresso, as Assembleias Estaduais, as Câmaras de Vereadores. Intervindo por

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná.



intermédio desse mecanismo no modelo republicano de governar. O governo getulista justificou suas ações, pautado no equilíbrio econômico e no atendimento as necessidades básicas da população. Para governar os estados brasileiros nomeou os interventores, mas, delimitando o poder de sua atuação.

O governo getulista dentre suas medidas governamentais, apoio as iniciativas e movimentos de setores atuantes da sociedade, destacamos o Movimento da Escola Nova. Os líderes do movimento Fernando Azevedo e Anísio Teixeira, assumiram os cargos de chefia do Serviço de educação do Estado de São Paulo e do Distrito Federal a convite de Getúlio Vargas. Primando pelos princípios ideológicos voltado em uma educação moral, cívica, religiosa e familiar.

O Decreto Municipal n.3.763, de 1º de fevereiro de 1932 instituiu o Serviço Técnico e administrativo de Música e Canto Orfeônico, subordinado à Diretoria Geral de Instrução do Distrito Federal. Foi a partir do convite de Anísio Teixeira, secretario de educação, ao maestro para coordenar o Serviço de Música e Canto Orfeônico da capital da República, que a trajetória de vida do maestro e compositor Villa-Lobos tomou “uma nova mudança de rumo”. Para Villa-Lobos apud Guérios (2009, p.211),

O canto orfeônico é elemento propulsor da elevação do gosto e da cultura das artes; é um fator poderoso no despertar dos sentimentos humanos, não apenas os de ordem estética mas os ordem moral, sobretudo os de natureza cívica. Influi junto aos educandos, no sentido de apontar-lhes, espontânea e voluntária, a noção de disciplina, não mais imposta sob rigidez de uma autoridade externa, mas novamente aceita, entendida e desejada. Dá-lhes a compreensão da solidariedade entre os homens, da importância da cooperação, da anulação das vaidades individuais e dos propósitos exclusivistas, de vez que o resultado só se encontra no esforço coordenado de todos, sem o deslize de qualquer, numa demonstração vigorosa de coesão de ânimos e sentimentos. O êxito esta na comunhão. (...) Assim, pois, a três finalidades distintas obedece a orientação traçada para as escolas do Distrito [Federal]: a) disciplina; b) civismo; c) educação artística.

Para entender como villa-Lobos organizou, reorganizou, reinterpretou sua trajetória a longo da sua carreira, não podemos dissociar-lo do binômio individuo - artista. Conseguiu ajustar suas composições e sua criatividade na tessitura do social, negociando sua produção



artística convertendo-as em compromisso de prestígio para seus financiadores. No velho mundo sua produção foi apreciada como “arte exótica”, e para o governo getulista sua arte se transformou em uma ferramenta de produção de imagem, e no o meio erudito sua música fez concessões para ser aceita.

Em setembro de 1933 o Serviço Técnico e administrativo de Música e Canto Orfeônico, foi transformado em uma superintendência subordinada ao Departamento de educação do Distrito Federal – a Superintendência de Educação Musical e Artística – SEMA. Villa-Lobos organizou três níveis de curso para os interessados no assunto, que quisessem fazer uma especialização para poder ministrar curso de iniciação de música e canto orfeônico. O projeto educativo foi ampliado para todos os estados da federação, Villa-Lobos, encaminhou solicitação aos interventores para que o ensino da música se tornasse obrigatório nas escolas.

Através da SEMA implantou-se o projeto de Educação Musical, baseado no canto orfeônico, o Decreto n 24.794, de 14 de julho de 1934, determinou que todos os estabelecimentos primário e secundário do país deveriam instituir o canto orfeônico no currículo.

O Governo Federal criou pelo Decreto-Lei n 4.993, de 26 de novembro de 1942 o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, no Rio de Janeiro, para atender a necessidade de ampliar o ensino do canto orfeônico, que no período tinha fora transformado em ensino obrigatório nas escolas. Em 1943, Villa-Lobos deixou sua função na SEMA para ser diretor do Conservatório Nacional no Rio de Janeiro.

Para Unglaub (2006) O canto orfeônico foi uma atividade valorizada por ideologias ufanistas e nacionalistas que mascaravam o caráter repressivo e autoritário dos regimes de governo. Compreender a implantação do canto orfeônico, nas escolas brasileiras, no Estado Novo torna-se fundamental para entender o porquê da instalação posterior, em 1956 de um conservatório de canto orfeônico no Paraná.

A IMPLANTAÇÃO DO CANTO ORFEÔNICO NO PARANÁ



No Paraná, Os primeiros registros da prática orfeônica nas escolas públicas no Paraná aparecem por volta de 1935, no Ginásio Paranaense, posteriormente Instituto de Educação do Paraná. No Colégio Estadual do Paraná, no ano de 1946, a disciplina de canto orfeônico, já aparece na grade de horários escolares. O ensino do Canto Orfeônico se expandiu nas escolas secundárias paranaenses, sendo que o Decreto-Lei nº 9.494 de 22 de julho de 1946 (Lei Orgânica do Ensino de Canto Orfeônico), determinou algumas mudanças. Segundo Wilson Lemos Júnior:

A avaliação tornou-se obrigatória para a disciplina de Canto Orfeônico, alterando assim a rotina pedagógica deste ensino. Para o professor havia uma nova responsabilidade, a de preparar e aplicar provas. Mas pode ter sido por parte dos alunos a maior dificuldade com as mudanças propostas na lei, pois estes passariam a ser avaliados dentro de uma matéria complexa, que privilegiava não só o desempenho teórico da disciplina, mas também o prático. (2005, p. 54).

A formação adequada para os profissionais atuarem no ensino do canto orfeônico, somente foi efetuada a partir da Lei Estadual nº 18 de 27 de março de 1956, com o reconhecimento do Conservatório Estadual de Canto Orfeônico. Prevalendo a “velha prática”, de implantar na instituição ou na escola, a modalidade, para posterior formar o quadro docente capacitado para desempenhar tal atividade.

A PROFESSORA CLOTILDE ESPÍNOLA LEINIG: E O CONSERVATÓRIO DE CANTO ORFEÔNICO NO ESTADO DO PARANÁ

A fundação do Conservatório foi iniciativa da professora Clotilde Espínola Leinig, que em 1953, obteve seu aperfeiçoamento em Canto Orfeônico, por mérito, foi premiada em um concurso público e recebeu uma bolsa de estudos, do Governo do Estado do Paraná, para frequentar o Curso de Emergência em Canto Orfeônico, ministrado pelo Conservatório Nacional no Rio de Janeiro, ela foi aluna de Villa-Lobos.



Quando retornou às suas atividades na Academia de Música do Paraná, onde atuava como professora voltou decidida a fundar um Conservatório de Canto Orfeônico no Estado do Paraná. Com o apoio políticos locais que encaminharam a Assembleia Legislativa, um anteprojeto de lei, para a fundação do Conservatório o qual foi aprovado.

A professora contou também com o apoio de outros professores como: Maria de Lourdes Pereira, Luiza Marins, e o maestro Antonio Melillo² entre outros. O conservatório funcionou de modo provisório por muitos anos compartilhando o espaço da Academia de Música do Paraná, na rua treze de maio n. 723, no bairro São Francisco, em Curitiba.

Seguindo as diretrizes nacionais que então se apresentavam para o ensino da Música, sendo uma Instituição voltada para a formação de professores de Música. Segundo Denise Bandeira (2001, p.22), “o curso do Conservatório Estadual de Canto Orfeônico, com três anos de duração, visava a formação de professores especializados para estabelecimentos de ensino primário e grau secundário”.

O corpo docente do curso de Especialização em Canto Orfeônico implantado em 1965 foi composto pelos professores: Antonio Melillo, como Diretor do Conservatório; Aurora Saraiva, Técnica Vocal e Apreciação Musical; Clotilde Espinola Leinig, Terapêutica pela Música, Didática do Canto Orfeônico e Prática de Regência; Elisa Flora Coentro Faria, História da Educação Musical; Jaroslava Boguz, Psicologia Educacional; Leondina Passos, Organologia e Organografia e Etnografia e Pesquisas Folclóricas; Luiza Marins, Prática do Canto Orfeônico; Maria de Lourdes Brunatto, Biologia Educacional; Maria Solange Follador, Prosódia Musical; e Rosala Garzuze, Filosofia da Educação.

² Antonio Melillo nasceu em 25/05/1899, em São Paulo demonstrando aptidão para a Música foi incentivado a estudar. Iniciou seus estudos de piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, Concluindo sua formação aos 21 anos em instrumento e regência no Real Conservatório de Nápoles - Itália. No Brasil, o maestro passou a atuar como regente de orquestra de uma companhia de óperas que excursionava pelo país. Em uma apresentação em Curitiba foi convidado pelo maestro Leonard Kessler para lecionar piano, no Conservatório de Música do Paraná. Em 1924, devido ao falecimento de Kessler, passou a atuar também como diretor da escola. Melillo desempenhou as funções de docente e administrador no Conservatório até o início d 1930. Com o encerramento das atividades do Conservatório de Música do Paraná fundou a sua Academia de Música do Paraná, onde eram ministradas aulas de piano, violino e matérias teóricas para crianças e jovens, a qual esteve em funcionamento até a morte do maestro, em 1966.



Com a morte do Maestro Antonio Melillo em 1966, a professora Clotilde assumiu a direção do Conservatório. Logo deu início ao projeto de transformação da instituição em uma faculdade. A Lei Estadual n° 5465 de 3 de janeiro de 1967, reconheceu a transformação do Conservatório Estadual de Canto Orfeônico do Paraná em Faculdade de Educação Musical do Paraná – FEMP. Posteriormente foi criada a Faculdade de Artes do Paraná – FAP, reconhecida pelo Decreto Governamental n.º 70.906 de 01/08/72 e pela Portaria n.º 1.062 de 13/11/90, do Ministério da Educação.

AS FONTES DE PESQUISA

Na Faculdade de artes do Paraná – FAP foram localizado uma quantidade considerável de documentos tais como: livros atas, Relatórios, livros de registro de presença e de notas, fotografias, legislação referente ao ensino do canto orfeônico, relacionados ao conservatório estadual de canto orfeônico do Paraná. Dispersos, algumas vezes danificados, e sem estudo, esses objetos, nas condições em que se encontram pouco têm contribuído para um claro entendimento dos papéis que tal instituição desempenhou.

Já foram identificados em torno de duzentos documentos (cartas, fotos, partituras, atas e outros), sendo que a maioria deles corresponde ao período entre as décadas de 1930 e 1980. De um lote do acervo - encontrado no arquivo-morto da Secretaria Acadêmica, na Biblioteca Octacílio de Souza Braga e no hall da escada do andar superior do Bloco I da FAP – foram feitas fotocópias e/ou registros digitais e fotográficos e também já iniciamos o processo de identificação, classificação e análise.

Na separação e organização das fonte de pesquisa contamos com o auxílio do acadêmico que participa do projeto³, foi localizado o material do Conservatório Estadual de Canto Orfeônico, utilizado para a formação e auxílio dos professores que atuaram na disciplina. A primeira tarefa consistiu em separar o material que pertenceu ao Conservatório, Para a seleção utilizamos o seguinte critério: partituras editadas, principalmente pela Casa Artur Napoleão, Editora Carlos Wehrs & Cia., e pelo

³ André Luiz Altafini acadêmico do curso de licenciatura em Música da faculdade de Artes do Paraná aluno Bolsista da Fundação Araucária.



Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, de ensino do Canto Orfeônico (Coleção Escolar, Collecção Escolar, Orpheão Escolar, Coleção Orfeônica, Coletânea Orfeônica, materiais datilografados com o carimbo e/ou menção aos Conservatórios Estadual e Nacional e da SEMA e materiais integrantes das listas de materiais enviados pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico.

Na sequencia do trabalho foi realizada a catalogação do material e a verificação quanto ao estado de conservação em que se encontravam. Foram catalogadas 84 partituras editadas em coleções, além de 6 partituras manuscritas com o carimbo do Conservatório Estadual, 9 partituras manuscritas com o carimbo do Conservatório Nacional, 13 partituras manuscritas com o nome dos Conservatórios e/ou SEMA e uma partitura pertencente ao Coral Villa-Lobos, que segundo anotações encontradas junto a partitura foi fundado em 03 de maio de 1963 e fazia parte do Conservatório Estadual. Foi selecionado também junto ao material do Conservatório alguns métodos da coleção Orpheão Escolar e um livro, todos com a assinatura da professora Aurora Saraiva, que fez parte do quadro de docentes do Conservatório Estadual, bem como alguns métodos de canto orfeônico com o carimbo do Centro de Cultura Júlia Wanderley.

Na sua maioria são partituras arranjadas por Heitor Villa-Lobos para serem usadas no ensino de Canto Orfeônico. Existem alguns arranjos de outros compositores como, por exemplo, Barroso Netto, Alberto Nepomuceno, Homero de Sá Barreto e Fabiano Lozano entre outros. Existem também 20 livros integrantes do acervo do Conservatório, este material já está catalogado e faz parte do acervo da Biblioteca Octacílio de Souza Braga. Entre os livros encontramos uma edição encadernada do Primeiro Volume do Guia Prático de Canto Orfeônico (Recreativo Musical – cantigas infantis populares cantadas pelas crianças brasileiras) com 137 partituras, todas arranjadas por Villa-Lobos e em sua maioria editadas pela Casa Artur Napoleão e com algumas edições da SEMA. Fazem parte ainda do acervo, fotos, relatórios, programas e conteúdo programático das disciplinas e algumas atas.

Neste trabalho, assim como em toda a pesquisa, estamos trabalhando com a perspectiva da História Cultural e por este motivo estamos contemplando a dinâmica das relações sociais que se estabelecem em cada tempo histórico. Privilegiamos o valor das



representações e das práticas dos grupos e indivíduos; a política e o contexto como interventores diretos da cultura e da educação.

Dessa forma, a captura da sensibilidade da “força vital” de cada personagem selecionado na tessitura da trama deverá ser observada. Sandra Jatathy Pensavento (2008, p.14) evidencia que,

[...] impõe-se aos historiadores da cultura um outro conceito, que se situa no próprio âmago da construção social das representações: o das sensibilidades. Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, os quais expressam os sentimentos que os homens, em cada momento, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, [...].

Para presentificar a ausência a evocação da memória se fará necessário o que permitirá recriar a partir das lembranças do vivido, o tempo, o espaço do conservatório, o canto, enfim a atuação dos personagens na construção da história da música no Paraná.

Com este estudo buscamos compreender a implantação de uma escola de formação de professores para o ensino do canto orfeônico num período posterior ao momento que o ensino do canto orfeônico ditava moda nas escolas brasileiras. Partimos da premissa de que questões políticas regionais paranaenses se colocavam a todo o momento, inclusive e principalmente na tomada de decisões que envolviam a educação e cultura.

REFERÊNCIAS

CHERNAVSKY, Anália. **Um Maestro no Gabinete: música e política no tempo de Villa-Lobos**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2003

DALLABRIDA, Norberto. **A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **Heitor Villa-Lobos: o caminho sinuoso da predestinação**. Curitiba: do Autor, 2009.



LEMOS JÚNIOR, Wilson. **Canto Orfeônico: uma investigação acerca do ensino de música na Escola Secundária Pública de Curitiba (1931-1956)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

LIMA JUNIOR, José Alberto de Andrade de. **História da Disciplina de Música e Canto Orfeônico em duas Escolas Secundárias Públicas de Londrina (1946 – 1971)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

NEIVA, Ismael Krishna de Andrade. **Educação Musical Escolar: O Canto Orfeônico na Escola Normal de Belo Horizonte (1934-1971)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez. **Som da nação: educação musical e civismo no Estado Novo (1937-1945)**. Revista Alceu (PUCRJ), v. 9, p. 174-185, 2009.

PENSAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nadia M. Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (ORG). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

UNGLAUB, Tânia Regina da Rocha. O canto que embalou o projeto nacionalista de Vargas. In: **XXIII Simpósio Nacional de História, 2005**, Londrina. XXIII Simpósio Nacional História: Guerra e Paz. Londrina: publicado no site: <http://www.anpuh.uepg.br/Xxiii-simposio/anais/menu.htm>, 2005.

LISBOA, Alessandra Coutinho. **Villa-Lobos e o Canto Orfeônico: Música, Nacionalismo e Ideal Civilizador**. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo. 2005